

Frank Julian Philips

Deocleciano Bendocchi Alves,¹ São Paulo

Resumo: O presente texto, homenagem ao psicanalista Frank Julian Philips, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, pretende introduzir brevemente sua história na psicanálise e abordar o conceito de “play”, desenvolvido em uma de suas importantes publicações. Em seguida, transcreve trechos da última conferência ministrada em São Paulo, dias antes de sua partida definitiva para Londres, realizada diante de um pequeno grupo de psicanalistas da SBPSP. Tal conferência, pouco conhecida e divulgada, é de interesse histórico tanto em relação ao pensamento que colaborou para a constituição de nossa Sociedade de Psicanálise, quanto em relação à construção do pensamento psicanalítico em geral.

Palavras-chave: Philips, play, Bion, história da psicanálise

Frank Julian Philips, podemos dizer, foi o paladino do conhecimento do desconhecido, ou seja, da realidade psíquica não sensorial. Escrevo este trabalho para ressaltar as importantes contribuições de Philips em nossa Sociedade de Psicanálise e para a psicanálise em geral, trazendo novo subsídio ao estudo do homem. Philips era avesso a biografias; afirmava sempre que nelas não se encontrava nada de verdadeiro, e, portanto, não eram confiáveis. Não escreverei, pois, sobre o seu histórico de vida, mas somente sobre aquilo que é relevante à sua relação com a SBPSP.

Philips foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Nascido na Austrália, veio ao Brasil após passagem pelos Estados Unidos da América. Trabalhou como psicanalista em São Paulo até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando se mudou para Londres. Lá, reanalisou-se com Melanie Klein e

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

posteriormente com W. R. Bion. Voltou ao Brasil em 1968, a convite da SBPSP, onde trabalhou por 29 anos. Enquanto entre nós, além de analisar muitos dos atuais psicanalistas de nossa Sociedade, publicou artigos na *Revista Brasileira de Psicanálise*, ministrou seminários e colaborou com o Instituto de Psicanálise. Gravou em DVD a conferência intitulada “Descobrimentos”, que fez em São Paulo em 1996, e em videocassete a última conferência dada em sua casa, também intitulada “Descobrimentos”. Essa última ocorreu três dias antes de retornar a Londres, onde viveu e ainda trabalhou até seu falecimento. Philips publicou dois livros, intitulados *A psicanálise do desconhecido* (1997) e *Play* (2023).

Os psicanalistas que com ele conviveram e que puderam experimentar sua generosidade também podem atestar as contribuições que trouxe para o desenvolvimento da psicanálise. Entre nós, introduziu as contribuições de W. R. Bion e as desenvolveu em seminários que ministrava em São Paulo e em outras cidades brasileiras. Também colaborou ao convidar e hospedar Bion em sua residência, nas três vezes em que ele esteve em São Paulo. Em *Play*, um livro que apresenta o desenvolvimento de algumas ideias de Bion, escreve, da forma que lhe é característica:

Estou escrevendo em um estado de mente que não apresenta grandes expectativas ou necessidade de saber os “porquês”, uma vez que os assuntos sobre os quais escrevo vêm inteiramente de dentro e de fora de mim, e as palavras em si são de pouca importância. Vida e morte costumam ser simultâneas. A principal característica da mente. (Philips, 2003)²

Seria necessária, pergunto-me, uma apresentação de *Play*? O texto em si é expressivo o suficiente para nos introduzir naquilo que é: segundo as próprias declarações de Frank Philips, o resultado de

2 Tradução livre do original em inglês: “I am writing in a state of mind that has no great expectations nor needs to know why since the topics about which I write come entirely from inside and outside of me, and the actual words are of little importance. Life and death are commonly simultaneous. The principal feature of the mind”.

sua experiência de trabalho psicanalítico, realizado em Londres e aqui no Brasil, por mais de cinquenta anos. Mas esse texto é especial – original, espontâneo, livre, sincero e extremamente criativo. Estimulou um grupo de pessoas que, durante quase dois anos, o estudou e se propôs a traduzi-lo para divulgá-lo no Brasil. Esse estudo foi muito enriquecedor para todos os que se empenharam no trabalho, permitindo que se criasse entre nós uma atmosfera de reflexão e colaboração. Mas há muito mais, algo indizível, e por isso lançarei mão de uma comparação.

Imaginem uma peça musical, uma sinfonia; por exemplo, a *Nona sinfonia* de Beethoven. O que ouvimos? Os temas se entrelaçam, surgem as variações, silêncios, *staccatos*; ora ouvimos fortíssimos, ora pianíssimos; fragmentos musicais se superpõem, se associam, se misturam, variam, modulam e se repetem mais uma vez; surge o coral, terminando a peça numa profusão melódica, que perdura em nossos ouvidos. A música nos transforma, despertando uma emoção persistente, sentimentos variáveis em que reconhecemos a vida fluindo em nós, em uma experiência emocional sem palavras. Esse trabalho de Philips se assemelha a uma criativa composição musical, capaz de gerar nos leitores experiências emocionais muito ricas e estimular a expansão de nosso mundo interno em caminhos inesperados e desconhecidos. Ali encontraremos fragmentos de observações, intuições agudas, correlações inusitadas, repetições, citações que apelam para nossos conhecimentos anteriores, novas associações que se desenrolam livremente, muitas vezes de forma surpreendente. Tudo isso engendra uma reflexão profunda que apela para a experiência emocional do leitor, possibilitando que ele alcance todos os significados contidos em *Play*.

Reproduzo a seguir trechos selecionados da Apresentação e também do Prefácio do livro *Play*, ensejando que, a partir disso, desperte-se a curiosidade do leitor para uma investigação mais profunda desse livro e desse conceito.

O reino do *Play* pode ser comparado a notações musicais, não só de harmonia e ritmo num mundo de agitação social, mas também de

melodias numa mudança superficial no estilo do comportamento da civilização no Play. Vou elaborar minha proposição considerando o Play uma realidade psíquica que tem sido relativamente ignorada em seu caráter onipresente.

Tendo-me orientado pela minha própria mente e vida emocional para abordar a natureza do Play, assumi que sua presença já estava implícita, como uma característica específica, nos primeiros estágios da vida dos seres humanos, assim como ele estava presente em mim mesmo. Contudo, a manifestação do Play, no sentido psíquico, evolui numa variedade sem limites de expressão, ação e movimento, e presente em toda a raça humana. Como conjectura, considero que uma das manifestações do Play é a linguagem.

Estou considerando o Play um componente de toda a existência. Ele simultaneamente constrói a vida como algo inseparável do “ser” ou do “não-ser”, e é o que se denomina civilização em seus múltiplos estágios em todo o Planeta. Cada dia de nossas vidas, quando acordamos, o Play está presente. Trata-se de um termo sutil, que denota astúcia, reserva, penetração, e muito mais.

Por conseguinte, o Play tem preponderância desde sempre e, sendo a vida como ela é, sua interrupção não pode ser antecipada. A interrupção do Play destruiria a vida, como ocorre numa situação de guerra, por exemplo. Seria impossível desalojá-lo na presença da linguagem, mesmo que tentássemos. Mas, mesmo estando sempre presente em nossas mentes, o desconhecimento de como e quando ele começou faz com que nos perguntemos como se mantém e como transforma os objetivos e as qualidades das diferentes civilizações. Neste momento, eu poderia dizer que, quando a vida humana e os sentimentos surgiram, apareceu a expressão: “o que fazer?” E aí começou o Play.

Observamos que a consequência mais importante do Play é a intuição. Esta capacidade se assemelha àquilo que nos animais de qualquer espécie chamamos de instinto – e minha impressão é que há uma conexão constante entre os instintos dos animais e os instintos dos

humanos, porque, fisicamente, nós somos como eles. Desde o começo do desenvolvimento da raça humana, surgiu a intuição e, nos aspectos do Play que foram ativados, um importante fator foi liberado – a criatividade, que se tornou disponível para a civilização.

Nossa atenção voltou-se para o desconhecido, o qual pode ser acompanhado através do paciente trabalho psicanalítico, quando o analisando o “experiencia” e chega ao seu próprio eu, não conhecido por ele até esse momento. Só assim sua individualidade pode chegar a ser conhecida. O trabalho que Freud apresentou ao mundo, nos seus primeiros estudos sobre os sonhos, exemplifica essa possibilidade. Os sonhos são fragmentos do desconhecido quando podem ser iluminados pela intuição. Entre 1911 e 1915, Freud teve uma nova intuição que lhe possibilitou uma percepção similar – trata-se da intuição dos dois princípios do funcionamento mental: o princípio do prazer e o princípio da realidade. Na minha opinião, o que ele percebeu foi que a interação desses dois princípios, na mente, revela tanto a intuição como outros aspectos que podem ser detectados no inconsciente. É nessa área que a psicanálise pode, até certo ponto, iluminar a observação do novo, que está repetidamente surgindo, e, nesse processo, perceber aquilo a que chamamos Play.

Três dias antes de deixar definitivamente o Brasil, Frank Philips reuniu em sua residência um grupo de psicanalistas para uma conferência, sua última contribuição antes da partida. Essa conferência é pouco conhecida entre os brasileiros. Foi gravada em videocassete, um formato já obsoleto. Proponho-me aqui a reproduzi-la em parte. Advirto aos leitores que a conferência não está completa, e que talvez, em alguns momentos, não haja muita clareza, uma vez que a linguagem de Philips tinha muito de um português falado à moda inglesa. Ainda assim, considero útil que o leitor tenha acesso à sua particular maneira de se expressar.

Transcrevo a conferência e compartilho com os membros de nossa Sociedade e com a comunidade psicanalítica em geral, pois penso que ela é a síntese de seu pensamento psicanalítico. Sendo essa sua última

contribuição à nossa Sociedade, é um aconselhamento ou um testemunho para todos nós que continuamos trabalhando psiquicamente.

Philips frequentemente introduzia em seus trabalhos referências à obra de Shakespeare. Inicia essa conferência, assim, remetendo-nos ao drama histórico *Ricardo III*. Um psicanalista que lança seu olhar para mentes e para as linhas da peça de Shakespeare pode ter uma visão imediata de algo não específico. Traço aqui um paralelo com o contexto da análise, algo que está para além das palavras que nos oferece a pessoa que nos procura para um trabalho analítico, para talvez mitigar suas angústias e preocupações individuais. Mas muito mais está contido na verbalização, se consideramos os episódios emocionalmente intensos que ali emergem, ainda que não saibamos como vão evoluir.

No início da conferência, Philips expõe a primeira cena do primeiro ato de *Ricardo III*. A meu ver, nessa introdução estão contidas suas ideias sobre o trabalho psicanalítico que posteriormente deu origem ao seu livro *Play*:

Eu, que não tenho belas proporções,
Malfeito de feições pela malícia
Da vida, inacabado, vindo ao mundo
Antes do tempo, quase pelo meio,
E tão fora de moda, meio coxo,
Que os cães ladram se deles me aproximo;
Eu, que nesses fraquíssimos momentos
De paz, não tenho um doce passatempo
Senão ver minha própria sombra ao Sol
E cantar minha própria enfermidade:
Já que não sirvo como doce amante,
Para entreter esses felizes dias,
Determinei tornar-me um malfeitor
E odiar os prazeres destes tempos.
Armei conspirações, graves perigos,
Profecias de bêbados, libelos, ...
Quanto eu sou falso, util e traiçoeiro...
E o drama se perpetua por cinco magistrais atos.

No decorrer da conferência, Philips segue estabelecendo paralelos entre a sessão psicanalítica e a representação dramática, com a diferença de que os atores repetem um texto já elaborado pelo dramaturgo, enquanto a plateia de espectadores sonha com a representação teatral. Na sessão analítica, o analisando vai criando a sua fala e o psicanalista precisa sonhar ou mesmo alucinar para acompanhar, para participar da experiência emocional em pauta na sessão. Diferentemente do drama teatral, que sempre se repete a cada representação, cada sessão analítica é única, pois o “enredo” da verbalização do analisando não se repete.

Em outras ocasiões, Philips comparava a sessão analítica ao casal que cuida de seu bebê. As funções materna e paterna se alternam, e cada participante desempenha uma função diferente no decorrer do “play” que se realiza no desenrolar-se da sessão. Dito isto, transcrevo trechos da conferência a seguir.

A conferência: “Descobrimentos”

Para começar, digo algo de um ponto de vista pessoal, mas que agora e aqui tem suas razões, pois menciono conhecimentos comuns a muitas pessoas, mas que usarei de uma maneira diferente do habitual, motivado por saber que o nosso interesse é a psicanálise.

Ao escrever suas peças, Shakespeare introduzia, de formas distintas, cenas, prólogos, citações etc. que introduziam os espectadores ao tema da dramatização da qual iriam participar. Diz no Prólogo de Ricardo III:

Mal feito de feições pela malícia
 Da vida inacabado, vindo ao mundo
 Antes do tempo, quase pelo meio
 E tão fora de moda, meio coxo
 Que os cães ladram se deles me aproximo

E, mais adiante,

Já que não era dado a brincadeiras
E já que não sirvo como amante,
Vou-me tornar um vilão,
Determinado a me tornar um malfeitor
(Shakespeare, 1592-1593)

Melanie Klein chamou a atenção, com toda sua intuição e capacidade representativa, para aquilo que foi sua grande descoberta e que ela chamou de “os dois profundos mecanismos de qualquer ser humano, que nascem e que se manifestam logo na origem”. Em seus trabalhos entre 1940 e 1950 aparecia frequentemente essa referência, até que foram esses princípios chamados de “duas posições”, que consistiam na situação de paranoia e depressão.

Parece-me que Shakespeare viveu todos os assuntos que coloca em seus escritos, de maneiras muito variáveis, e usou sua experiência ao compor suas peças. Ele empregou um vocabulário de mais de 20 mil palavras em suas obras. Tendo nascido em torno de 1500, viveu 52 anos, falecendo no século 17. Foi ator, e com a ajuda de algumas pessoas, atravessou a grande praga que assolou a Europa. Foi no reinado da Rainha Elizabeth I, quando a Inglaterra começou a gozar de uma certa paz, que Shakespeare apresentou suas peças em Londres. Gradativamente, percebeu o caráter inglês tal como aparece nas comédias, peças históricas, peças românticas etc. A arte de Shakespeare nunca foi superada no teatro. Hoje em dia, diretores pensam que podem representar essas peças de outra maneira visual, mas sempre acabam ficando fiéis ao texto. Isso é uma salvaguarda contra essas extravagâncias.

Na psicanálise, veremos formas que vão se constituindo dentro da sala do analista. As formas iniciais começam a mudar, outras luzes aparecem e vão designar ou mostrar eventos psiquicamente de grande importância. A pessoa pouco a pouco passa a sentir algo que antes ela não sentia nela mesma. Estou falando de uma clivagem entre a pessoa e ela mesma, clivagem que pode ser parcial ou profunda. A exigência de pelo menos 4 ou 5 sessões por semana de 50 minutos facilita a percepção dessa clivagem e a possibilidade de que, com o

trabalho psicanalítico, ocorram mudanças. Um americano escreveu alguns anos atrás sobre o que chamou de “Uma hora de cinquenta minutos” na psicanálise, achando que precisava de uma pausa para que os estados de mente evoluíssem. Ainda penso que isso deve continuar, pois é a maneira de lidar com o assunto.

Na peça de Shakespeare, tudo está escrito e tudo é feito segundo o script do autor da peça. O ator repete o texto, e alucina as linhas que ele precisa recitar, porque ele sabe que o texto não é “a língua dele”. Chamamos isso de alucinação, fato necessário, quando se diz qualquer coisa sem haver um vocabulário disponível.

Quando uma pessoa que está em análise diz algo, por exemplo, “presumo que o senhor quer saber de mim o que eu sei, e que vai me dizer algo a esse respeito”, ou “fiquei sabendo disso por outros amigos. Como o senhor quer que eu responda?” O analista difficilmente pode responder, e, pensando que vai dizer alguma coisa verdadeira, ele sabe que não poderia ser verdade, porque o analista nunca deve dizer aquilo que a pessoa preferia que ele dissesse; não é possível, e a tarefa deve seguir as linhas, a meu ver, em busca do desconhecido do momento.

Apresento agora uma parte teórica sobre a conduta do analista, que já expus nos escritos e nas falas que apresentei anos atrás, fruto de minhas experiências. Essas condutas que podemos aplicar a qualquer pessoa, e que servem não somente para a psicanálise. Quando encontramos uma pessoa no silêncio de uma sala, é de se presumir que a pessoa não está angustiada demais para começar essa tarefa. Provavelmente o analista não vai dizer nada e não vai responder, porque o analista não pode dizer nada daquela questão, daquela pergunta. Uma pessoa que não é muito angustiada não vai insistir naquilo. O fato é que um analista deve ser como qualquer pessoa culta que pode ouvir outra pessoa para uma conversa sem psicanálises, podendo observar a pessoa, e podendo respeitar aquilo que parece ser real para aquela pessoa, em uma medida consciente. Assim a análise pode começar. Os próximos encontros ocorrem depois de ter tido um encontro anterior em que as horas, a frequência, os honorários são acertados etc. Assim, nós ficamos livres dos acertos de trabalho, e o

analista deve ficar livre de qualquer desejo que tenha pessoalmente. Pois ele fica livre, abstendo-se do desejo de cura, de melhoria, para simplesmente estar atento a essa pessoa, como se ele observasse uma cena normal na vida fora do usual, e para que possa pouco a pouco ajudar a pessoa a não precisar questionar nada de si particularmente. Não é preciso dar instruções de qualquer natureza para a pessoa, sobretudo de como deveria falar.

Pensando nas peças de Shakespeare, os acidentes teatrais se passam nos atos seguintes. Na sessão analítica se vão seguir evidências daquilo que, em outras formas, chamamos de mente. Menciono isso pois quero ajudar com mais uma observação, um fato que eu já mencionei: a psicanálise chega, no decorrer do tempo, a ser uma maneira de visualizar um encontro humano, como em qualquer outra situação da vida. Quero dizer que o que a psicanálise se tornou, ainda que não seja muito perfeita, está avançando em certas condições favoráveis. O analista deve abandonar qualquer coisa que vá soar como encorajamento, pois não vai adiantar muito quando a pessoa está com dor, angústias etc.

A segunda regra que apresento é sobre a memória. A pessoa que chegou hoje e que talvez chegasse há anos, ou três semanas atrás, não tem nenhuma necessidade de lembrar nada daquilo, para que ele possa estar presente adequadamente em uma sala silenciosa, deitado em um divã, ou talvez andando pela sala, ou sentado, quando as pessoas, no começo, não querem se deitar no divã, e talvez nunca queiram se deitar no divã. Como Freud designou, o paciente percebe que o analista está atrás e não está preocupado com a visão direta da pessoa, e deixa a pessoa dessa maneira mais relaxada. Mas, cuidado, a memória interfere com tudo. Eu vou dizer por que isso acontece: a memória dita no sentido normal da vida tratou de incidentes, fatos ou coisas vividas pela pessoa, mas fora de sua intimidade.

As emoções do paciente vão aparecer e logo demonstram como elas mudaram quando observadas naquele determinado momento. Não é possível, na peça Ricardo III, perceber toda a ação da peça, ou notar como foi escrita logo no primeiro ato. A observação da situação analítica mostra que tudo muda o tempo todo; e essas mudanças

permitem que analistas possam chegar a sentir, mais ou menos, o que está acontecendo na sala. O que acontece na sala é obtido pelo analista, a meu ver, da seguinte maneira, como eu tenho praticado há muitos anos. Estimulado por uma verificação de Freud antes do começo deste século, em torno de 1895-1898, e antes de publicar sua grande obra daquele período, “A interpretação dos sonhos”, Freud chegou a captar no seu íntimo aquilo que estava subjacente às imagens visuais dos sonhos, e apreendeu a existência da dimensão desconhecida, que chamou de inconsciente. Eu também procuro captar o desconhecido, que jaz escondido pelas palavras que o analisando está nos dizendo.

Apresento neste momento uma terceira questão para o analista respeitar, além das duas que apresentei anteriormente. Em trabalho deve o analista desistir de compreender o que está sendo dito pelo analisando, como também ele deve deixar o paciente se sentir livre para não considerar o que está ouvindo, o que faz mesmo na maioria dos casos, ou mudar para que tenha uma outra forma de continuar a conversa que o analisando precisou distorcer.

A falta de compreensão ajuda muito, a meu ver, a perceber o que está acontecendo no mundo, e sem compreender podemos ver a verdade subjacente aos acontecimentos relatados. Vemos hoje, pelas notícias e pelos meios de comunicação, o que está acontecendo em remotas regiões, mas não nos dizem a realidade dos fatos envolvidos, nem as repercussões sociais e subjetivas. Os avanços tecnológicos trouxeram muitas mudanças, tornando muito rápidas as comunicações e os conhecimentos resultantes dos avanços científicos, para que sempre possamos observar e considerar sua utilidade. O mesmo vem acontecendo em psicanálise.

Pelos conhecimentos atuais da geologia, da paleontologia, da astronomia etc., sabemos que a Terra foi ejetada há muitos bilhões de anos. Estudos recentes mostram o aparecimento da crosta terrestre e das rochas que deram origem à Terra; surgiu então a função molecular, que, segundo cientistas, contribuindo junto com a lama e com a água, deu origem à vida, bilhões de anos passados. Os fósseis que foram descobertos em várias regiões do planeta são indicações de como a vida

mudou, tendo aparecido e desaparecido formas de vida na evolução do planeta. Num dado momento desconhecido, apareceram os hominídeos que se desenvolveram até os homens atuais. A evolução de toda a vida impõe ao psicanalista respeitar o desconhecido, apesar de toda a pesquisa científica, e consequentemente apreciar muito modestamente aquela pequena parcela que hoje em dia chamamos a mente humana.

A palavra “mente” é meramente uma palavra que representa alguma coisa, mas a coisa representada não é uma coisa, mas algo falado por nós que é sentido, mas que não é apreendido pelos órgãos dos sentidos. A personalidade de uma pessoa é dela mesma e podemos apreciar uma observação de Bion, que eu acho muito útil e interessante: ele alega que a personalidade é a exteriorização da primeira parte de qualquer indivíduo, pertence a ele ou a ela, portanto, a personalidade precisa ser considerada apesar de qualquer influência ambiental.

Na personalidade do indivíduo aparecem tantas disposições e detalhes tão variáveis, que essas criaturas que nós chamamos de Humanos, sem mesmo especificar como Pessoa Humana, são gente semelhante a nós, existente em todas as partes do mundo, ficando cada vez mais claro que temos origens comuns, possivelmente na imensa África. Não é isso poeticamente bonito?

Podemos pensar que prevaleceram camadas no desenvolvimento da mente do homem que eu penso serem básicas, para estas considerações que estamos fazendo hoje. Reconhecemos que muitas dessas camadas estão por cima das camadas mais primitivas que possam ser cientificamente apreendidas. Freud chamou essas camadas de inconsciente; hoje se pode ver diferentemente essas observações, porque o inconsciente inclui também uma camada referente aos hominídeos quando eles começaram a registrar e dar significado a barulhos feitos por eles mesmos ou por outros animais, de crianças e outros fenômenos naturais.

Ninguém, hoje em dia, pode dizer quando foi que tais fatos aconteceram, mas, sem dúvida alguma, esses fatos afetaram muito a condição e a maneira de visualizar o que chamamos de consciente. Por exemplo, se uma pessoa diz “estou hoje deprimida, estou sentindo isso hoje”, quer ignorar o que poderia perceber de outra maneira,

algo vindo de uma camada mais profunda, mas que a pessoa não tem ainda vocabulário. Como psicanalista, se converso com aquela pessoa, posso dizer que ela não sabia o que se passava nela mesma, mas que poderia conversar naturalmente com outro indivíduo que aceite falar sobre esses fatos mais profundos.

Essa possibilidade de pouco a pouco aumentar o vocabulário é muito importante em psicanálise, não para que a pessoa aprenda o meu vocabulário, pois ela pode esquecer aquilo logo depois, mas para que não precise estar preocupada com a dor psíquica e possa verbalizar e conhecer precisamente o que está acontecendo com ela.

A questão do vocabulário é perceptiva também no que acontece com qualquer criança ou recém-nascido no planeta. Foi Melanie Klein que começou a perceber isso na experiência com as crianças, que elas poderiam absorver tudo que está na mente dos humanos mais crescidos. Ela podia falar com crianças de coisas que nem se falam com adultos, por exemplo, quanto à sexualidade etc. Todo brinquedo de criança é sexualidade com alucinação, e todo brinquedo é erotizado. Nas idades de latência, de 7 e 8 anos, se os adultos chegam perto e dizem, “do que você está brincando?”, a resposta provável será “não sabemos... estamos brincando de fulano”. Eles sabem como responder, mas realmente estavam falando sobre alucinações sexuais, mas que não podem dizer.

Lembro-me de uma inglesa que estava sentada na varanda de sua casa durante um verão, e tinha algumas crianças com ela que estavam escondidas por de trás de alguns arbustos, estavam quietos; esta inglesa gritou: “escutem vocês todos. O que vocês estiverem fazendo, parem!” Isto é clássico e é verdade. Falo sobre a criança para enaltecer que a mente infantil persiste no adulto e o psicanalista pode apreender muitas ocorrências atuais que precisam ser observadas à luz desses estados primitivos da mente. Ao invés de usarem a investigação psicanalítica do inconsciente, isto é, do desconhecido, o que eu observo é que há uma pressa em entender, conhecer e ter suas ideias, para publicar muitas coisas prematuramente, sem uma profunda observação. Então aparece uma comunicação eivada de teorias do que é ou do que deveria ser a percepção do desconhecido.

Melanie Klein apresentou pela primeira vez em um congresso psicanalítico em 1957 suas observações sobre a inveja, como sendo um fator ainda não salientado por nenhum outro analista. Citando o livro de Julien Green, Se eu for a você, que muito a impressionou, ela pregou na conferência que fez no congresso a necessidade de respeitar a inveja em qualquer ser humano, inveja não por figuras existentes fora da pessoa, mas por aquelas existentes dentro do indivíduo. A inveja se volta contra a criação mental sentida como verdadeira nos dias de hoje, resultando que o invejoso sinta internamente que não pode ser uma pessoa criativa.

Uma outra consideração é a inevitabilidade da frustração durante toda a vida, pois nada é como qualquer ser humano gostaria que fosse. A frustração é admitida como verdade e complementa a inveja, podendo ser visualizada em todas as épocas do desenvolvimento. Podemos conjecturar que o homem primordial precisava sair para procurar comida, armado com um pedaço de pau, e, após matar um animal, ou pescar um peixe, ao voltar para sua toca ou gruta, seria invejado pelos vizinhos, que talvez o atacariam para roubá-lo, despertando a selvageria. Isso ainda hoje acontece sob outras formas devido ao desenvolvimento material, mas biologicamente isso ainda existe como nos tempos de antanho.

Não temos dúvida de que mudanças acontecem e não podemos deixar de considerar as mudanças que se devem à moda vigente num certo tempo. A moda não afeta só o vestuário, mas, numa observação mais apurada, podemos visualizá-la em todos os aspectos da vida sensorial. O mesmo acontece em psicanálise, e na história do desenvolvimento da ciência psicanalítica surgiram e surgem muitas variações, dependendo de autores que inventam alguma novidade, ou teorias de cura ou técnicas novas que dependem do que está em moda etc.

Bion chamou a atenção de como a magia evoluiu para o ritual e deste para a religião. E a medicina foi a origem das religiões. A evolução da humanidade aconteceu na medida em que homens podiam ajudar homens e considerarem as crianças que nasciam e a necessidade de preservar a vida diante das mudanças catastróficas, dos animais poderosos e das doenças. Invocando-se espíritos bons e

maus, tentavam controlar o mundo físico, e, com o estabelecimento do mágico com seus rituais, controlam o mundo espiritual. Hoje em dia, sem religião, pensamos, não poderia haver confiança em médicos. Ainda hoje persistem os curandeiros e as práticas religiosas de cura.

A magia continua, é pródiga e aparece em muitas atividades humanas. Mas, quando se trata de exercer uma observação sobre um fato psíquico, que resulta de uma abstração, isto é, tornar o fato observável em uma experiência psicológica, isso não é magia. É observação, percepção e intuição. Toma-se o observável como uma verdade transitória, pois nunca atingimos o âmago do fato psicológico. Isso combina com o que é mais ou menos sinônimo do desconhecido. Isso torna a psicanálise muito mais livre, aberta e útil, sem ter a rigidez de teorias ou do “deve ser”. Precisamos separar o que é conscientemente e emocionalmente importante e útil, por exemplo, como você está falando daquilo que é da pessoa, na escuridão de uma sessão de análise comigo.

Penso que os trechos selecionados são ilustrativos da forma de trabalhar de Frank Philips. Todos que o conheceram sabem da importante colaboração que trouxe para o desenvolvimento da SBPSP. Acrescento que era um homem afável, receptivo, tinha o dom de ensinar e conduzir seus discípulos à apreensão do objeto psicanalítico. Era um homem culto, estando sempre interessado em artes, literatura, música, teatro e artes plásticas. Aconselhava a aqueles que se aproximavam a desenvolver-se culturalmente, afirmando que psicanálise e cultura são verdadeiramente os alimentos da mente. É meu desejo que o leitor possa apreciar um pouco do que ele representou para a psicanálise.

Frank Julian Philips

Resumen: El presente texto, homenaje al psicoanalista Frank Julian Philips, uno de los fundadores de la Sociedad Brasileña de Psicoanálisis de São Paulo, pretende introducir brevemente su trayectoria en el psicoanálisis y abordar el concepto de “play” (juego), desarrollado en una de sus importantes publicaciones. A continuación, se transcriben fragmentos de la última conferencia que impartió en São Paulo, pocos días antes de su partida

definitiva hacia Londres, realizada ante un pequeño grupo de psicoanalistas de la SBPSP. Dicha conferencia, poco conocida y divulgada, tiene un interés histórico tanto en relación al pensamiento que contribuyó a la constitución de nuestra Sociedad de Psicoanálisis, como en relación a la construcción del pensamiento psicoanalítico en general.

Palabras clave: Philips, juego, Bion, historia del psicoanálisis

Frank Julian Philips

Abstract: This text, a tribute to psychoanalyst Frank Julian Philips, one of the founders of the Brazilian Society of Psychoanalysis of São Paulo, briefly introduces his history in psychoanalysis and discusses the concept of “play”, developed in one of his important publications. It then transcribes excerpts from the last lecture he delivered in São Paulo, just days before his final departure to London, held before a small group of SBPSP psychoanalysts. This lecture, little known and disseminated, holds historical interest both for the ideas that contributed to the founding of our Psychoanalytic Society and for the development of psychoanalytic thought in general.

Keywords: Philips, play, Bion, history of psychoanalysis

Frank Julian Philips

Résumé : Le présent texte, hommage le psychanalyste Frank Julian Philips, l'un des fondateurs de la Société Brésilienne de Psychanalyse de São Paulo, vise à présenter brièvement son parcours dans la psychanalyse et à aborder le concept de «play» (jeu), développé dans l'une de ses importantes publications. Ensuite, il retranscrit des extraits de la dernière conférence donnée à São Paulo, quelques jours avant son départ définitif pour Londres, devant un petit groupe de psychanalystes de la SBPSP. Cette conférence, peu connue et diffusée, présente un intérêt historique tant pour la pensée ayant contribué à la constitution de notre Société de Psychanalyse que pour le développement de la pensée psychanalytique en général.

Mots-clés : Philips, jeu, Bion, histoire de la psychanalyse

Referências

- Philips, F. J. (1997). *Psicanálise do desconhecido*. Editora 34.
- Philips, F. J. (2003). *Play* (D. B. Alves, Org.). Casa do Psicólogo.
- Shakespeare, W. (1592-1593). *Ricardo III* [peça teatral].
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_III_